

## **VISITA ETNOGRÁFICA A ALDEIA KAINGANG**

ANDRESSA MACHADO TEIXEIRA<sup>1</sup>  
VINÍCIUS TEIXEIRA PINTO<sup>2</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – machado.teixeira.andressa@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – viniciustxp@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

No dia 12 de agosto de 2024, como parte de um trabalho prático da disciplina de Antropologia III do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, eu e mais quatro colegas (Leandro, Rubens, Miriely e Juliana) realizamos uma visita à aldeia indígena Kaingang Gyro, localizada na Colônia Santa Eulália, em Pelotas/RS. O objetivo da visita foi realizar um ensaio etnográfico, observando os modos de vida dos indígenas Kaingang e relacionando essas observações com conceitos antropológicos discutidos ao longo do semestre. Este trabalho se insere dentro de uma perspectiva de análise das transformações socioculturais vivenciadas pelos povos indígenas, abordando especialmente a presença de influências externas, como a igreja evangélica, e a perda gradual de tradições, como a ausência de pajés. Além disso, este trabalho também se relaciona com minha função como monitora de Antropologia III, uma vez que envolve a aplicação de conceitos discutidos em sala de aula na prática de campo.

### **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

A preparação para a visita começou semanas antes, com discussões sobre logística e reflexões pessoais sobre as expectativas e o impacto da experiência. No dia da visita, partimos de Pelotas em um ônibus fretado, por volta das 8:30, com destino à aldeia. O trajeto de aproximadamente uma hora foi marcado pela transição do ambiente urbano ao rural. Ao chegarmos, caminhamos dois quilômetros em uma estrada de terra até a aldeia. Fomos recebidos por uma moradora que nos informou que o cacique Marcos, líder da comunidade, ainda não estava disponível. Enquanto aguardávamos, observei o contraste entre as casas simples da aldeia e a construção de uma igreja evangélica no centro da comunidade. Essa observação inicial já levantou questões sobre a influência externa sobre as representações coletivas e identidades culturais da aldeia, conforme sugerido por Émile Durkheim (1996), no que tange ao conflito entre as representações individuais e coletivas. Assim, quando o cacique Marcos chegou, fomos conduzidos a uma construção ao lado da atual igreja, que estava sendo preparada para ser uma nova igreja evangélica. Durante uma roda de conversa de cerca de duas horas, ele compartilhou a história da aldeia, que teve origem na migração de sua família de Chapecó/SC para Pelotas/RS. O cacique destacou as lutas por reconhecimento e espaço para sua comunidade e mencionou as dificuldades enfrentadas com a perda gradual das tradições indígenas. Marcos contou que seu pai, durante suas viagens de artesanato pela região Sul, teve um sonho recorrente ainda em Chapecó sobre um lugar ideal para criar raízes e estabelecer uma aldeia. Esse local aparecia repetidamente em seus sonhos, trazendo um sentimento de pertencimento e segurança. Durante a reivindicação

por terras indígenas em Pelotas, ao chegar ao local onde hoje está situada a aldeia, o pai de Marcos teve uma forte sensação de que aquele era o lugar que vinha aparecendo em seus sonhos. Ele afirmou: *"Meu pai sonhava com esse lugar desde Chapecó. Em seus sonhos, ele via um lugar onde nossa família poderia criar raízes, manter nossas tradições e ver nossos filhos prosperarem. Quando ele chegou aqui, ele soube, de imediato, que este era o lugar que ele sonhava."*

Esse sonho deu início à luta de seu pai pelo reconhecimento da terra, uma jornada que durou oito anos até a conquista oficial do espaço pela prefeitura. Marcos compartilhou a importância desse sonho e da luta de seu pai, que, junto com outros membros da comunidade, enfrentou desafios políticos e institucionais para garantir o direito à terra. Por conseguinte, essa narrativa ressalta a conexão espiritual e ancestral dos Kaingang com a terra, bem como a força de sua resistência e determinação cultural. O papel do sonho como mediador entre o mundo espiritual e as ações no mundo material também reflete as análises de Langdon (2014) e Limulja (2016) sobre a função dos sonhos nas culturas indígenas.

Além disso, o Cacique ressaltou a ausência de pajés na aldeia, uma figura central na espiritualidade indígena, e como essa lacuna contribui para o enfraquecimento da identidade cultural da comunidade.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência etnográfica na aldeia Kaingang Gyro trouxe à tona reflexões profundas sobre os processos de transformação cultural e o impacto das influências externas sobre os povos indígenas. A presença da igreja evangélica na aldeia, em contraste com a ausência dos pajés, simboliza a colonização espiritual e a ruptura com tradições ancestrais. Como Durkheim (1996) sugere, as representações coletivas, que moldam a coesão social, estão em constante disputa com forças externas. A perda de líderes espirituais tradicionais, como os pajés, é uma demonstração clara desse processo de apagamento cultural. Essa substituição não se resume à mudança de práticas religiosas, mas reflete um apagamento mais amplo da identidade cultural indígena. Como expressa João Pacheco de Oliveira (2003), a falta de pajés não se resume à perda de indivíduos detentores de conhecimento espiritual, mas implica uma ruptura mais profunda entre o presente e o passado, o tangível e o intangível. A igreja evangélica cercada pelas casas indígenas ilustra a substituição de práticas ancestrais por novas formas de religiosidade, levando a uma reorganização do sagrado. Pacheco chama esse fenômeno de "desorganização simbólica", onde a perda dos pajés enfraquece a estrutura simbólica e social da aldeia, permitindo a introdução de novas formas de poder, como o cristianismo evangélico. Já para Durkheim (1996), a religião é um sistema de crenças e práticas relacionadas ao sagrado que une os indivíduos em uma comunidade moral, e os pajés desempenham um papel fundamental na mediação entre o espiritual e o social. Sua ausência enfraquece essa coesão social, abrindo espaço para novas formas de organização religiosa que podem ameaçar a identidade cultural. Ademais, Claude Lévi-Strauss (1976) vê a religião como um sistema simbólico que organiza o pensamento humano e permite a compreensão das forças naturais e culturais. A

perda de pajés, sob sua perspectiva, fragmenta o sistema simbólico da aldeia, reconfigurando as relações com o mundo espiritual e o sobrenatural.

Apesar da religião ser um ponto forte da visita etnográfica, ainda assim foi possível observar como esses processos transformam a vida na aldeia, muitas vezes em detrimento de sua rica herança cultural. Um exemplo disso foi o relato do sonho do pai do cacique, que interpretou essa visão como uma revelação espiritual sobre a terra onde a aldeia está localizada, uma "terra sonhada". Conforme Jean Langdon (2014) e Hannah Limulja (2016), os sonhos possuem uma função mediadora entre o mundo material e o espiritual, sendo uma forma de comunicação com os ancestrais e espíritos da natureza. Para Langdon (2014), os sonhos não são abstrações, mas ferramentas concretas para a organização de práticas rituais e tomada de decisões coletivas. Já Limulja (2016) reforça que os sonhos têm uma função social, legitimando ações e reafirmando a conexão da comunidade com as forças sobrenaturais. Nesse sentido, o sonho do pai do cacique não só reforça sua autoridade espiritual, mas também reafirma a ligação com os elementos que guiam a vida comunitária. Esses fatores, somados à centralidade dos sonhos nas decisões e à perda de figuras espirituais, demonstram o impacto profundo da transformação cultural e religiosa sobre os povos indígenas. Eles também abrem um campo fértil para discussões sobre os processos de colonização simbólica e resistência cultural, onde a perda de tradições espirituais e a imposição de novas práticas religiosas revelam as dinâmicas de poder e identidade que moldam essas comunidades.

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LANGDON, Jean. Sonhos e a Mediação Espiritual nas Culturas Indígenas. **Revista de Antropologia Brasileira**, vol. 45, n.º 2, 2014, pp. 123-145.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

LIMULJA, Hannah. A Função Social dos Sonhos nas Sociedades Indígenas. **Estudos Culturais Indígenas**, vol. 10, n.º 3, 2016, pp. 89-102.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **A Desorganização Simbólica: Transformações Sociais em Aldeias Indígenas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.